



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

MARIA FERNANDA DE ALMEIDA LIMA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EPJAI: UM ESTUDO COM EDUCADORES
MATEMÁTICOS**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2023

MARIA FERNANDA DE ALMEIDA LIMA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EPJAI: UM ESTUDO COM EDUCADORES
MATEMÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2023

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA FERNANDA DE ALMEIDA LIMA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EPJAI: UM ESTUDO COM EDUCADORES MATEMÁTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus Vitória da Conquista, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JONSON NEY DIAS DA SILVA

Data: 21/12/2023 10:12:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva (Orientador)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Documento assinado digitalmente



BARBARA CUNHA FONTES FERREIRA

Data: 19/12/2023 16:45:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Ma. Bárbara Cunha Fontes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Documento assinado digitalmente



NEOMAR LACERDA DA SILVA

Data: 19/12/2023 08:50:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Neomar Lacerda Silva
Secretaria da Educação do Estado da Bahia- SEC/BA

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me protegido, iluminado, abençoado durante todos esses anos e por tornado esse sonho possível.

Aos meus pais, meu exemplo de força e perseverança, pela educação, conselhos, apoio e oportunidade de cursar o ensino superior. As minhas irmãs, minhas amigas e confidentes pelo incondicional incentivo e motivação.

Aos amigos que ganhei durante a graduação, companheiros de todas as horas, pelas alegrias, pela parceria e troca de experiências durante todo o período.

Ao professores que fizeram parte desse processo, em especial ao Prof. Dr. Jonson Ney Dias da Silva, que sempre me incentivou no âmbito da pesquisa e trouxe inquietações na modalidade de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosa. Além disso, pela excelente orientação e parceria.

As minhas entrevistadas que se disponibilizaram a prestar seus relatos que serviram de base para as investigações presentes na pesquisa.

Aos professores Prof. Dr. Neomar Lacerda Silva e Prof^a. Ma. Bárbara Cunha Fontes, por aceitar o convite de participar da banca examinadora, visto que, acredito que trarão importantes contribuições ao trabalho.

Enfim, meu muito obrigada a todos que de algum modo contribuíram para minha formação acadêmica.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como os educadores da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) abordam Educação Financeira (EF) na aula de Matemática em uma escola localizada em Vitória da Conquista-BA. Nessa perspectiva, o estudo buscou identificar as concepções dos educadores de matemática sobre a Educação Financeira e analisar a prática pedagógica desses educadores a partir de seus relatos. Para isso, foi adotada uma abordagem qualitativa e para produção de dados utilizado a entrevista semi estruturada, assim, foram entrevistadas três educadoras matemáticas que lecionam na modalidade EPJAI em uma escola de Vitória da Conquista. Para a análise dos dados produzidos foram destacados quatro eixos temáticos a fim de identificar o perfil do educador, conhecer suas compreensões sobre EF e Matemática Financeira (MF), analisar suas prática pedagógica voltada para o ensino dos conceitos financeiros na EPJAI, a partir de seus relatos e entender os principais desafios enfrentados por elas. Como resultado desse estudo, observamos que a EF está tomando forma no contexto escolares, mas para que o ensino dessa modalidade seja de qualidade é necessário a formação adequada para os educadores. Como contribuições a pesquisa promove discussões acerca desse contexto, podendo assim subsidiar novos estudos sobre a EF na EPJAI, como também em outras modalidades de ensino.

Palavras-chave: Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas; Educação Matemática; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The present research aimed to analyze how educators from the Education of Young, Adult and Elderly People (EPJAI) approach Financial Education (PE) in Mathematics class at a school located in Vitória da Conquista-BA. From this perspective, the study sought to identify the conceptions of mathematics educators about Financial Education and analyze the pedagogical practice of these educators based on their reports. For this, the methodology adopted was qualitative research and semi-structured research was used to produce data. The decision to use this method was due to the flexibility of the process, making it like an informal conversation, with the purpose of leaving participants open to report their pedagogical practices. In this sense, three mathematics educators who teach in the EPJAI modality at a school in Vitória da Conquista were interviewed. For the analysis of the data produced, four thematic axes were highlighted in order to identify the educator's profile, understand their understanding of PE and Financial Mathematics (MF), analyze their pedagogical practices aimed at teaching financial concepts at EPJAI, based on their reports and understand the main challenges they face. As a result of this study, we observed that PE is taking shape in the school context, but for the teaching of this modality to be of quality, adequate training for educators is necessary. As contributions, the research promotes discussions about this context, thus being able to support new studies on PE at EPJAI, as well as in other teaching modalities.

Keywords: Education of Young, Adult and Elderly People; Financial education; Mathematics Educators.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum e Curricular

EF- Educação Financeira

EFE- Educação Financeira Escolar

EJA- Educação de Jovens e Adultos

ENEF- Estratégia Nacional de Educação Financeira

EPJAI- Educação de Pessoas Jovens, Adultos e Idosos

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MF- Matemática Financeira

OCDE- Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. EDUCAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: POSSÍVEIS CONEXÕES	11
2.1 Educação Financeira Escolar	11
2.2 Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas	14
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, CONTEXTO E PARTICIPANTES	18
4. EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PRÁTICA DE EDUCADORAS MATEMÁTICAS	20
4.1 Perfil do educador	20
4.2 Educação Financeira x Matemática Financeira	21
4.3 Práticas Pedagógicas	22
4.4 Principais desafios	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS:	28
APÊNDICE 1: Roteiro da Entrevista Semiestruturada	30

1. INTRODUÇÃO

A Educação Financeira (EF) esteve presente em minha trajetória desde cedo. Ainda na infância, acompanhei a relação da minha família com o dinheiro. Iniciando com meu pai, sendo o único provedor da casa e delegando dinheiro destinado para os gastos, investimentos e emergências. Além disso, sempre o acompanhei em bancos e percebia o quanto ele se preocupava com questões relacionadas à segurança e rendimento das diferentes instituições financeiras.

Ademais, tinha o costume de acompanhar minha mãe nas compras de supermercado. Apesar de pouco estudo, ela possui noções básicas de consumo ao selecionar produtos mais vantajosos e rentáveis que fossem suficientes para manter a casa e ainda assim não ultrapassando o orçamento disponível. Além de estar sempre atenta aos estabelecimentos com melhores preços e promoções.

Na escola básica, não tive contato com a EF. Na educação infantil e anos iniciais, foram realizadas algumas dinâmicas que envolvem o dinheiro, mas de maneira impessoal, apenas de forma rasa, para conhecer a usabilidade e o valor monetário. Durante os anos finais e ensino médio tive contato com conteúdos relacionados com Matemática Financeira (MF).

Já no contexto acadêmico, o curso de Licenciatura em Matemática oferta apenas uma disciplina no ramo financeiro, denominada Matemática Financeira (DCET0095). Em sua ementa, aborda apenas a matemática presente nas finanças, com bastante utilização de fórmulas e poucas aplicações no cotidiano, sendo caracterizada como conteudista.

No período da graduação, tive a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), dentro do Subprojeto de Matemática atuante na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista. O programa iniciou em novembro de 2020 e finalizou em maio de 2022.

No PIBID, ao desenvolver e aplicar oficinas no ramo da EF com os temas de porcentagem, juros simples, economia, formas de pagamento e rendimentos, em diferentes modalidades de ensino, pude perceber o quão importante e cativante o tema é. As oficinas foram aplicadas com estudantes do ensino médio “regular” e na modalidade de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), sendo abordadas com mesmos dados e roteiro, mas gerando discussões de diferentes aprofundamentos.

Na EPJAI, os estudantes tinham faixa etária entre 18 e 68 anos, e as discussões foram além de juros simples, no qual eles tiveram total abertura para tratar de assuntos presentes no

seu dia a dia. Além disso, até entre os estudantes que não tinham participação constante na aula, era perceptível o interesse pelos temas abordados.

A partir disso, passei a observar a temática como um meio indispensável para a educação e principalmente para EPJAI, pois esse público já detém vivências, e essas por sua vez devem estar interligadas com as propostas levadas à sala de aula, buscando quando possível, relacionar os conteúdos matemáticos ao cotidiano dos estudantes.

Levando em consideração que a Educação Financeira é uma área transversal que atualmente tem seu ensino destinado à disciplina de Matemática, é através dessa temática trabalhando noções e conceitos financeiros a fim de instruir o indivíduo na tomada de decisões, que é possível tornar-se educado financeiramente.

Nesse sentido, com a finalidade de examinar como ocorre o trabalho com os conteúdos matemáticos voltados para as finanças na sala de aula com pessoas jovens, adultas e idosas, surge o questionamento: Como educadores matemáticos trabalham a Educação Financeira na sala de aula na EPJAI?

Procurando responder a essa questão, temos como objetivo geral analisar como os educadores da EPJAI abordam Educação Financeira na aula de Matemática em uma escola localizada em Vitória da Conquista. Além disso, os objetivos específicos são: identificar as concepções dos educadores matemáticos sobre a Educação Financeira e descrever a prática pedagógica dos educadores matemáticos na EPJAI.

O presente estudo poderá contribuir para a área de estudo da EPJAI bem como da EF trazendo reflexões e gerando debate, que possibilitará ampliar discussões e subsidiar novas pesquisas que visam entrelaçar essas temáticas. No âmbito profissional, este trabalho apresentará subsídios para educadores em formação inicial e continuada pensarem sobre suas práticas pedagógicas, bem como proporcionar uma discussão sobre o trabalho da EF não somente no contexto da EPJAI, mas em outras modalidades de ensino. No âmbito pessoal, a pesquisa contribuirá para a minha formação como educadora e para a minha prática docente, bem como pensando no trabalho com EF.

Este trabalho será dividido em fundamentação teórica, com a discussão sobre Educação Financeira, Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas e possíveis conexões, procedimentos metodológicos, resultados e discussões analisando a Educação Financeira na prática de educadores matemáticos e considerações finais.

2. EDUCAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: POSSÍVEIS CONEXÕES

Nesta seção, apresentaremos a ideia fundamental no qual a pesquisa será baseada.

2.1 Educação Financeira Escolar

Recorrentemente somos bombardeados com propagandas chamativas e anúncios inusitados desenvolvidos para um público específico a fim de persuadi-los a comprar. As grandes promoções, com diversas possibilidades de pagamento e inúmeras parcelas são uma ilusão para as compras. Muitas vezes nos deparamos com mercadorias que nem sempre são necessárias para o dia a dia, mas pelo valor aparentemente abaixo do comum nos faz olhar com outros olhos e negligenciar as consequências. E isso se dá pela falta de planejamento e discernimento sobre o seu dinheiro.

Temas como oferta, formas de pagamento, endividamento, renda, salário, aposentadoria, investimentos, dentre outros, está presente na vida de todos e a falta de conhecimentos financeiros pode ser um agravante para a utilização equivocada do dinheiro. Assim, se dá a importância de preparar os cidadãos para lidar com as finanças de forma saudável e consciente.

Para isso, Saito (2007, p.19) entende a Educação Financeira (EF) como “[...] um processo de conhecimento que permite o aprimoramento da capacidade financeira dos indivíduos, de modo que estes possam tomar decisões fundamentadas e seguras, tornando-os mais integrados à sociedade com uma postura proativa na busca de seu bem-estar”.

Nesse sentido, a EF surge como uma estratégia crucial para a formação do indivíduo e da sociedade como um todo. Pondo como necessidade para cada um, conhecimentos mínimos sobre suas finanças, lidando com a própria visão de mundo e as demandas diárias. E a partir disso, proporcionando uma relação saudável e segura com o dinheiro.

De acordo com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a EF pode ser definida como o processo pelo qual os indivíduos aperfeiçoam suas compreensões sobre os produtos financeiros, e, por meio de informação, formação e orientação, conseguem avaliar adequadamente riscos e oportunidades, para assim realizarem escolhas corretas e adotar atitudes que propiciem bem-estar (OCDE, 2004).

Partindo de tais pressupostos, a temática passou a ser política de Estado com a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. Esse órgão é responsável por implementar o assunto, e é definido como,

uma mobilização em torno da promoção de ações de educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no Brasil. O objetivo da ENEF, criada através do Decreto Federal 7.397/2010, e renovada pelo Decreto Federal nº 10.393, de 9 de junho de 2020, é contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes. (ENEF, 2017)

Dessa forma, a aplicação ENEF surge com um plano do Governo para tentar suprimir as necessidades educacionais sobre as finanças. Nesse sentido, no âmbito escolar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) insere a EF como temática obrigatória no ensino básico a partir de 2020, quando propõe a inclusão de temas integradores e transversais como citado a seguir:

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. (Brasil, 2018, p. 19).

Entre esses temas, a BNCC destaca a educação para o consumo, educação financeira e fiscal que são contemplados em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino realizar a contextualização de acordo com suas especificidades (Brasil, 2018). Além disso, inicialmente a BNCC traz a EF como um tema transversal, que perpassa por todas as áreas de conhecimento. Mas, naturalmente por conter os cálculos em sua formação, a Base direciona a EF para as habilidades e competências na área de Matemática.

Vale ressaltar que, assim como a EF é um tema indispensável para educação curricular das modalidades “regulares”, ela se faz importante também para os educandos da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI). O público dessa modalidade são jovens, adultos e idosos que não concluíram os estudos na idade proposta e que ingressam ou retornam ao âmbito escolar. Para esses educandos o estudo da EF se torna ainda mais significativo por eles já lidarem de forma independente com o dinheiro no seu dia a dia.

Cabe comparar a Matemática Financeira com a Educação Financeira para entender a importância de ambas. Segundo Boggiss et al (2012), a MF é o estudo do valor do dinheiro no decorrer do tempo e seu objetivo é analisar operações de caráter financeiro que envolvam

entradas e saídas de dinheiro ocorridas em momentos distintos. Já a proposta da EF é formar o indivíduo quando se refere ao planejamento e a forma de como administrar os recursos monetários, o auxiliando na tomada de decisões coerentes que permitam poupar e investir, garantindo assim, viver mais tranquilo financeiramente, seja no presente ou no futuro (Moraes, 2019).

Conforme Boggiss et al (2012) e Moraes (2019) trazem, é possível identificar diferenças e semelhanças nas duas abordagens. Ambas trazem conteúdos financeiros como centro do estudo, mas enquanto a MF direciona sua perspectiva para os cálculos matemáticos e utilização de fórmulas, a EF trabalha com vertentes as quais instigam o educando na tomada de decisões relacionadas às finanças e a lidar de forma saudável com o dinheiro.

Vital (2014) esclarece que o domínio de conteúdos e conceitos da MF não torna as pessoas educadas financeiramente. Segundo o autor, essa temática apresenta-se como uma ferramenta importante, no entanto, é necessário ir mais adiante no trabalho com a EF.

Tendo em vista o que foi exposto, é importante analisar a relevante contribuição da EF pode ter nas escolas. Através dessa temática é possível levar conhecimento financeiro necessários para tomada de decisões responsáveis e saudáveis em relação às finanças ao longo de toda a vida. Além disso, é importante ser trabalhado em todas as modalidades de ensino, pois lidar com o dinheiro é comum em todas as fases.

Silva e Powell (2013) caracterizam a ideia de Educação Financeira Escolar (EFE), segundo os autores,

constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (Silva; Powell, 2013, p. 13).

Assim, enfatiza que a EF se faz necessária em todas as idades e etapas da vida, mas com um adentro para aqueles que já possuem obrigações e devem lidar de forma responsável sobre suas finanças. Comumente, os filhos seguem o exemplo dos pais e quando o assunto é a relação com o dinheiro isso não é tão diferente. Logo, ter uma formação financeira adequada é sem dúvidas indispensável para cada família.

Indo além do que a OCDE trata, dos objetivos com a ENEF e das perspectivas trazidas pela BNCC, os autores Silva e Powell (2013, p.3) ainda trazem discussões sobre “[...]”

entender a importância da Educação Financeira na formação dos estudantes, mas também, na maneira que o ensino desse assunto vai acontecer no ambiente escolar”.

É importante pensar nas práticas pedagógicas voltadas para a EF em sala de aula, pois, por vezes, essa temática é relacionada apenas com conteúdos da Matemática Financeira. Ainda mais quando se trata da modalidade de ensino da EPJAI, a qual frequenta um público já inserido no mundo do trabalho e necessita de uma formação financeira.

No próximo tópico, discutiremos mais a fundo sobre a modalidade de ensino EPJAI e suas conexões com a EF.

2.2 Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Para a discussão sobre o contexto educacional no qual os educandos jovens, adultos e idosos estão inseridos e na busca pela inclusão escolar, vamos utilizar neste trabalho a nomenclatura Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI). A EPJAI é assegurada desde 1988 pela Constituição Brasileira:

A Constituição Federal do Brasil/1988 incorporou como princípio que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF. Art. 205). “I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.” (CF. Art. 208). Retomado pelo Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. (BRASIL, 1988)

Entretanto, só foi instituída legalmente como modalidade de ensino, na educação básica, em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 que em seu art. 37 define que, “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, LDB 9.394/96, 2017). Além disso, essa modalidade surgiu como medida emergencial com a finalidade de garantir o direito à educação de qualidade em menos tempo do que o ensino convencional.

Nesse sentido, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia assume como compromisso do estado:

[...]Assegurar a EJA como oferta de educação pública de direitos para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas experiências de vida e de trabalho, garantindo as condições de acesso e permanência na EJA, como direito humano pleno que se efetiva ao longo da vida.

[...]Adotar os seguintes Eixos Temáticos: a identidade, o trabalho, a cultura, a diversidade, a cidadania, as diversas redes de mobilização social e a Pedagogia da Libertação. (Bahia, 2009, p,14)

Assim, a proposta dessa modalidade educacional é oportunizar à educação adequada para aqueles que por algum motivo não conseguiram completar o ensino na idade proposta e, além disso, construir cidadãos autônomos e críticos. A EPJAI atende um público diversificado com jovens, adultos e idosos de idades variando entre 15 e 70 anos ou mais.

Os educandos que fazem parte dessa modalidade são indivíduos que provavelmente não tiveram oportunidade de ingressar ou não conseguiram concluir a vida escolar por diversos motivos, seja pela distância da escola, falta de oportunidade, necessidade de trabalhar, dentre outros (Arroyo, 2005).

Dessa forma, o público dessa modalidade é comumente tido como a parte marginalizada da população, pois foram marcados durante a história por exclusões e negação de seus direitos. Muitas vezes, os estudantes dessa modalidade são pessoas afastadas da sociedade e estão fora de diversos contextos sociais, políticos e econômicos.

Nesse sentido Ferreira e Silva (2011), colocam que:

[...]os jovens e adultos são sujeitos socioculturais, marginalizados e excluídos das esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada, aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais efetiva no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral, trabalhando em ocupações não qualificadas. Trazem em sua totalidade a marca da exclusão social, mas são sujeitos do tempo presente e do tempo futuro, formados pelas memórias que os constituem enquanto seres temporais. (Ferreira e Silva, 2011, p.210)

Uma visão mais humanizada sobre a EPJAI traz essa educação para o âmbito escolar, olhando questões relacionadas às vivências e experiências de cada educando e tornando assim esse ambiente compatível com o cotidiano. Essa abordagem torna a aprendizagem desses indivíduos mais significativa, e assim estimula a participação ativa durante esse processo.

A EPJAI é repleta de diversidade e peculiaridades, segundo Silva (2020) esse público é formado por

[...] trabalhadores proletários, desempregados, donas de casa, pessoas com necessidades especiais, privados de liberdades, indígenas, afrodescendentes, imigrantes, entre outros, de diferentes culturas, etnias, religiões, crenças, que constituem abrangentes formas de ser, de viver, de pensar e de agir (SILVA, 2020, p. 24).

Nesse sentido, as práticas pedagógicas voltadas para essa modalidade devem levar em conta todas essas especificidades desse público. Para Freire (2003), a prática educativa a ser desenvolvida com a EPJAI deve promover a leitura crítica do mundo e os educandos devem ser considerados como sujeitos autônomos.

No Estado da Bahia, a Secretaria da Educação (Bahia, 2009) assegura buscar reconstruir a modalidade a partir de posturas afirmativas e olhares menos escolarizados. Para isso, propõe um currículo estruturado em tempos formativos que são organizados da seguinte maneira:

- 1º Tempo: Aprender a Ser, contendo 03 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Identidade e Cultura; Cidadania e Trabalho; Saúde e Meio Ambiente).
- 2º Tempo: Aprender a Conviver, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Trabalho e Sociedade; Meio Ambiente e Movimentos Sociais).
- 3º Tempo: Aprender a Fazer, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Globalização, Cultura e Conhecimento; Economia Solidária e Empreendedorismo). (Bahia, 2009, p,14)

Vale ressaltar que esse documento publicado em 2009 e intitulado Política de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual, não apresenta suporte ao educador que trabalha na modalidade, apenas oferta algumas orientações genéricas com o objetivo de “[...] nortear o trabalho das unidades escolares, a organização do currículo dentro da nova perspectiva de EJA e o acompanhamento da aprendizagem de educadores e educandos.”(Bahia, 2009, p. 22)

A modalidade de ensino da EPJAI, atualmente, pode ser ofertada de forma presencial e a distância sendo dividida em três segmentos. No primeiro, o ensino corresponde aos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, 1º ao 5º ano e a idade mínima para ingresso é de 15 anos. O segundo segmento é relativo aos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, e a idade mínima contínua de 15 anos. Já no último segmento é atribuído o estudo equivalente ao ensino médio e é destinada a pessoas com 18 anos ou mais.

Segundo Fonseca (2015), é fundamental que os professores

conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no dia a dia e no seu cotidiano; assim, cada vez mais, os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno abaixa a autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, as diferentes perspectivas dos alunos em relação à escola, as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito do jovem e adulto, principalmente os trabalhadores.

Além disso, Di Pierro (2006), relata que os educadores que atuam com os jovens, adultos e idosos são, em geral, os mesmos do ensino regular. Então, comumente ou eles tentam adaptar a metodologia a este público específico, ou reproduzem com os jovens e adultos a mesma dinâmica de ensino-aprendizagem que estabelecem com crianças e adolescentes.

O educador dessa modalidade deve ter uma formação direcionada para trabalhar apropriadamente com o público da EPJAI. O perfil dos estudantes difere dos demais da educação básica, além da diversidade presente nas salas de aula e esses são alguns fatores que, sem dúvidas, devem ser levados em consideração ao lecionar nessa modalidade de ensino.

Como um papel social, a EPJAI deve oportunizar uma educação de qualidade a esses educandos de forma que mantenha interessante a sua permanência na escola, sempre associando contextos que envolvam suas necessidades e trajetórias de vida. A partir disso, o educando visualiza um ambiente educacional próximo à sua realidade e que dá subsídio para ampliar seus conhecimentos e assim auxiliando para a melhoria da sua qualidade de vida.

Dessa forma, grande parte dos estudantes da EPJAI já estão inseridos de forma ativa na sociedade em esfera familiar, profissional e social. Assim, trazendo alguns fatores que perpassam por essa modalidade de ensino constantemente, como a volta para o ambiente escolar, o tempo de afastamento, as demandas externas que muitas vezes torna difícil a permanência e a diversidade de faixa etária.

Para Paz e Santos (2010) a escola precisa ser um espaço de reflexão e crítica, onde o estudante e sua experiência devem ser valorizados, sendo importante a troca de experiências entre educando e educador, visto que um aprende com a realidade do outro. E dessa forma, a escola se torna um ambiente propício para esse público.

Assim, se faz necessário que os educadores utilizem metodologias pedagógicas que propiciem relacionar o meio em que os educandos vivem com o contexto escolar. Além disso, por abranger um grupo diversificado de pessoas, para o planejamento das aulas é necessário refletir sobre as características dos educandos, para que assim os docentes possam aproveitar melhor o tempo em sala.

Dessa forma, considerando os desafios enfrentados pelo público da EPJAI, é importante a introdução da Educação Financeira (EF) em seu currículo escolar, como uma temática relevante que pode auxiliar no processo de formação pessoal e profissional desses educandos, levando sempre em consideração as experiências que esses estudantes já possuem quanto às finanças.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, CONTEXTO E PARTICIPANTES

Este trabalho tem como objetivo analisar como os educadores da EPJAI aborda Educação Financeira na aula de Matemática em uma escola localizada no município de Vitória da Conquista. A investigação proposta para esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, sobre isso, Minayo (2008) diz que

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2008, p.57).

Essa abordagem possibilitou a essa pesquisa responder a questão norteadora presente na introdução, apresentando as concepções de educadores matemáticos que trabalham na modalidade EPJAI sobre Educação Financeira e sua importância ao ser implementada na sala de aula.

A instituição de ensino em que foi realizada a produção de dados foi o Colégio Estadual Adelmario Pinheiro, local em que a primeira autora realizou o projeto de Residência Pedagógica. Nesse sentido, como já fez parte do contexto desta escola, então possuía familiaridade com o colégio e com a coordenação, além de ter contato com alguns educadores.

O colégio está localizado na zona urbana do município de Vitória da Conquista-BA e possui dependência administrativa estadual. Apresentando uma infraestrutura regular com porte médio, a escola funciona nos três turnos distribuídos nas modalidades ensino médio, dito regular, e EPJAI. Além disso, possui 222 estudantes matriculados na EPJAI distribuídos em 8 turmas.

A forma de produção de dados escolhida foi a entrevista semiestruturada, com questões voltadas para a prática pedagógica desses educadores em relação aos conceitos financeiros. Para isso, foi necessário ir até a instituição de ensino e a intenção de utilizar essa forma de produção de dados foi para conhecer a prática desses educadores matemáticos de maneira interativa.

As entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização (Minayo, 2008). Assim, é importante deixar claro o objetivo

da pesquisa, tornando a entrevista amigável e dando liberdade ao entrevistado para relatar sua real prática.

Sobre esse tipo de produção de dados, Ludke e André (1986), relatam que

[...] na entrevista a relação que se cria de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas onde não há uma imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são verdadeiras na razão da entrevista. Na medida em que houveram um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações de maneira notável e autêntica. (Ludke; André, 1986, p.33)

Além disso, foi necessário pensar cuidadosamente no roteiro para as entrevistas (apêndice 1), selecionar e conhecer os entrevistados, para, então, realizar a produção de dados de maneira fluida e eficiente. Assim, foram escolhidos três participantes, que lecionam matemática na EPJAI. Essas, por sua vez, são três educadoras, declaradas do sexo feminino, por isso quando remetemos aos participantes adotaremos o gênero gramatical feminino.

Foram adotados pseudônimos para assim proteger suas identidades, logo tivemos as participantes Renata, Débora e Marina. Vale ressaltar, que para a produção de dados foram feitas entrevistas e com o consentimento das participantes, foram registradas por gravação de áudio.

Para isso, entrei em contato com as educadoras por meio do aplicativo de mensagens instantâneas, na qual obtive respostas e marcamos a data e horário apropriados. Coincidentemente, as três entrevistas foram realizadas no período noturno do dia 07 de novembro e tiveram em média 15 minutos de duração.

Após esse momento, fomos para a análise das entrevistas, na qual realizamos a transcrição, leitura e organização por eixo temático, analisando as respostas que poderiam agregar e subsidiar a pesquisa, a fim de alcançar os objetivos estabelecidos e responder à pergunta norteadora.

A seguir, traremos os dados cruzando com a literatura específica, objetivando assim identificar as concepções dos educadores de matemática sobre a Educação Financeira e analisar a prática pedagógica desses educadores.

4. EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA PRÁTICA DE EDUCADORAS MATEMÁTICAS

Como meio para produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três educadoras matemáticas que lecionam na EPJAI de uma escola localizada em Vitória da Conquista. O roteiro da entrevista (anexo 1) visava obter relatos acerca da prática pedagógica das participantes em relação a utilização da temática de EF em sala de aula.

Para a análise, os questionamentos contidas no roteiro foram divididos em eixos temáticos, sendo eles: 1) Perfil do educador; 2) Educação Financeira x Matemática Financeira; 3) Prática pedagógica; 4) Principais desafios. Tivemos como finalidade, ao definir eixos temáticos, delimitar os principais recortes que favoreceram a pesquisa e, a partir disso, trazer literaturas que orientassem o olhar da pesquisadora. A seguir, discutiremos cada eixo.

4.1 Perfil do educador

O primeiro eixo, no qual delimitamos o perfil do educador, é destinado para conhecer a formação profissional das entrevistadas. A entrevistada Renata, do sexo feminino, possui 53 anos de idade, cursou Licenciatura em Ciências Exatas com Habilitação em Matemática pela UESB e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma instituição. Leciona há 23 anos, sendo 15 deles na modalidade EPJAI.

A entrevistada Débora, é do sexo feminino, tem 47 anos de idade, cursou Licenciatura em Matemática na UESB, leciona há 24 anos, mas não se recordava a quantos anos trabalhava na modalidade EPJAI. Já a educadora Marina, também do sexo feminino, possui 50 anos de idade, se formou em Licenciatura em Ciências Exatas com Habilitação em Matemática pela UESB e ministra aulas em turmas de EPJAI há 10 anos.

Podemos observar que a idade das educadoras e o tempo de trabalho são bem próximos, logo possuem grande experiência em sala de aula. Para Freire (1996, p.58), "ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”.

Dessa forma, percebemos que as educadoras possuem um tempo considerável de prática na EPJAI, conseqüentemente podem ter acompanhado as fases e evoluções dessa modalidade no decorrer dos anos. A partir disso, suas experiências se tornaram fundamentais para suas práticas pedagógicas e relações construídas com os educandos.

Nesse sentido, podemos entender que os saberes pedagógicos são temporais e individualizados, que carregam características e experiências próprias dos educadores. Assim, é importante ter acesso às informações profissionais das respectivas educadoras para nortear o entendimento de seus posicionamentos durante as entrevistas.

4.2 Educação Financeira x Matemática Financeira

O segundo eixo é importante para analisar se as entrevistadas fazem uma distinção entre as áreas, pois assim, é possível identificar o domínio das educadoras sobre ambas as temáticas e a partir disso, compreender suas práticas pedagógicas relacionadas aos conceitos financeiros.

No âmbito escolar em questão, os educandos estão inseridos no contexto das finanças, então trabalhar os conceitos financeiros presentes em seus cotidianos os motiva a compreender o tema, e os torna capazes de adotar decisões adequadas em relação aos assuntos financeiros, seja na sua vida particular, familiar ou social (Silva; Powell, 2013).

A educadora Renata, para diferenciar as temáticas disse: *Educação Financeira é a área da Matemática que trabalha os conceitos financeiros para formar indivíduos críticos capazes de tomar decisões sobre seu dinheiro, o que é diferente da Matemática Financeira, que trabalha mais com a parte das fórmulas e cálculos.*

Dessa forma, é perceptível que ela distingue os conceitos de EF e de MF, além disso, complementa: *a Matemática Financeira está ligada à Educação Financeira quando temos que usar juros, por exemplo, esses conteúdos com fórmulas e trazer eles no dia a dia dos alunos.* Assim, para ela, a EF é ir além da MF, mesmo que as duas estejam ligadas, pois é necessário ter conhecimento sobre conteúdos da MF e aplicá-los no cotidiano de forma que contribua para a independência e criticidade financeira dos estudantes.

Já a educadora Marina, para essa mesma questão, diferenciando as temáticas, define EF, como: *saber utilizar o dinheiro que você ganha de maneira que não fique comprando sem necessidade.* Já na MF, ela diz: *são as fórmulas que você utiliza com aqueles cálculos mais complexos.*

Enquanto a educadora Débora não diferenciou a EF de MF e não conseguiu definir diretamente os conceitos. Ao falar sobre EF, relatou: *a EF é necessária! Sempre foi! Mas hoje em dia, no nosso mundo se torna cada vez mais fundamental.* Já sobre MF, disse: *Ela engloba muita coisa, até você saber lidar com sua vida financeira em si, em termos de dinheiro, como a sua projeção.*

É perceptível que para a educadora as nomenclaturas, que são similares, mas abordam diferentes perspectivas no contexto financeiro, soam como sinônimos e isso ficou evidente durante toda a entrevista. Dessa forma, mostra a possível falta de familiaridade com as temáticas.

Nesse sentido, o domínio das definições dessas temáticas e distinção delas, deve ser claro para o educador matemático. Segundo Baroni et al (2022), essas são preocupações que precisam estar presentes nos cursos de formação do professor de Matemática, uma vez que as diretrizes vigentes apontam a área de Matemática como a principal responsável pela promoção da EF na educação básica.

Dando continuidade, sobre a importância da EF na EPJAI a entrevistada Débora, fala: *hoje como há uma mudança na escola, a EF possui uma disciplina só voltada para ela que faz parte das eletivas. Essa disciplina foi escolhida da escola, por compreender a necessidade dela no noturno para tentar vislumbrar um futuro melhor para esses estudantes.*

Nesse sentido, se faz necessário que os educadores matemáticos tenham real conhecimento sobre os conceitos abordados pela EF para assim trabalhar de forma eficiente essa temática e a partir disso cativar e incentivar os educandos da EPJAI a utilizar em suas práticas diárias e melhorar sua relação com o dinheiro.

4.3 Práticas Pedagógicas

No terceiro eixo temático, foi possível analisar as práticas pedagógicas relatadas pelas entrevistadas e identificar se elas trabalham os conceitos da EF. Pimenta (2012) afirma que os saberes são construídos no cotidiano do exercício em sala de aula, que dialoga com suas experiências e saberes pedagógicos baseados na ação. Assim, esse eixo se torna importante para a pesquisa, pois fundamenta as informações relatadas pelas participantes anteriormente.

A educadora Renata trabalha atualmente com a eletiva denominada Educação Financeira e diz: *Quando surgiu essa eletiva sobre Educação Financeira eu vi muitos professores fazendo pouco caso, dizendo que se até eles próprios têm dívidas, como vão ensinar a usar o dinheiro. Mas, não é bem assim, todos nós deveríamos ter conhecimento desses conceitos não só para ensinar os alunos.* Assim, é perceptível que a educadora olha a EF indo além da disciplina que ministra e visualiza os conteúdos como importantes para a vida.

Sobre o público que compõe as turmas de EPJAI e a relação com a EF, ela disse: *na sala de aula da EJA nós temos muitos trabalhadores, têm pedreiros que trabalham com a*

construção civil, mecânicos, motoboy, entregadores, empregadas domésticas e para eles é muito importante entender, por exemplo, de porcentagem e entender porque o preço daquele produto que ele compra regularmente subiu.

Além disso, pelas palavras da entrevistada Renata: *os conteúdos de EF vão além de planejamentos financeiros, é sobre pegar uma conta de energia e saber que a partir de x consumo eu vou pagar y, e isso eu ensino aos meus alunos, como saber quanto a máquina de lavar consome e saber também que a depender do horário de uso ela gasta mais.*

Já para a entrevistada Débora, como neste ano de 2023 ela não trabalha com a disciplina eletiva de EF, conversamos um pouco sobre os anos anteriores, quando os conceitos financeiros eram trabalhados dentro da disciplina de Matemática. E sobre sua prática, ela disse: *eu tentava trazer os conteúdos do cotidiano dos estudantes, porque assim eles conseguiam visualizar melhor; com jogos, na prática, com materiais concretos eles visualizam melhor e sempre trazendo situações problemas do dia a dia.*

Com isso, percebemos que a entrevistada Débora se preocupa em utilizar diferentes metodologias pedagógicas em sala de aula para auxiliar esses educandos jovens, adultos e idosos, a entender conceitos financeiros. Quando falamos sobre quais as principais habilidades financeiras desses educandos a partir do ensino de EF devem ter, a educadora diz: *hoje, é que eles consigam projetar a sua pequena renda nos seus sonhos, para que eles se tornem realidade.*

Sobre essa mesma pergunta, Marina diz: *que eles saibam que mesmo com pouco dinheiro, ter um bom planejamento, evitando adquirir dívidas e saber que certas coisas podem ser deixadas para comprar depois, sempre que na medida do possível comprar à vista, esses são entendimentos básicos.*

Para a entrevistada Marina, fica perceptível que a EF pode trazer muitos benefícios para os jovens, adultos e idosos, quando ela diz: *a partir dessa área eles podem mudar suas posturas quanto ao dinheiro e ter assim uma vida mais tranquila, sem muitas dificuldades.* Mas, complementa: *eu percebo que eles são bastante consumistas, eles ainda não assimilaram a ideia e o conceito do que é uma Educação Financeira.*

Mas, ao relatar sua prática em sala de aula com os conceitos financeiros, Marina diz: *eu desenvolvi trabalhos em grupos, com situações problema que envolviam a parte financeira para que eles resolvessem.* Nesse sentido, a entrevistada não aprofundou muito ao relatar a sua prática.

Assim, ao analisar o relato da prática das três entrevistadas, é possível identificar que a educadora Renata se difere quando comparada às outras. Nas falas das educadoras Débora e

Marina, não é possível identificar se há distinção das temáticas de EF e MF, até porque ambas relatam utilizar de situações problemas e os dois conceitos podem ser trabalhados na perspectiva do cotidiano.

Nesse sentido, a entrevistada Renata conseguiu dialogar sobre suas ações em sala de aula, o que transmite uma segurança maior no relato. Cabe lembrar que Renata é a educadora atual da disciplina de Educação Financeira na instituição de ensino em que ela atua, então possivelmente as práticas relatadas fazem parte do seu trabalho, atualmente desenvolvido.

4.4 Principais desafios

Para o último eixo temático, entender quais as dificuldades que as entrevistadas enfrentam ao trabalhar a Educação Financeira na sala de aula de educandos jovens, adultos e idosos pode ser um fator importante na pesquisa para entender melhor o entorno da prática dessas educadoras.

Assim, quando falamos sobre os principais desafios de ensinar conceitos financeiros em turmas de EPJAI a entrevistada Renata citou dificuldades: *atualmente não se tem um olhar voltado para a formação dos educadores que ensinam EF e para aqueles que trabalham EJA*. Outro obstáculo citado foi: *o atual governo não tem um olhar adequado para a EJA, eles tentam “regularizar” o ensino*. Nesse cenário, é possível remeter a fala da educadora para a falta de coordenação pedagógica e formação docente voltada para a EPJAI.

Para a entrevistada Débora, ao debater sobre a mesma temática, relatou: *na verdade, se eu for fazer uma comparação entre EF e Matemática, só a Matemática, é mais fácil para eles quando traz essa parte do cotidiano. Mesmo que o conteúdo se concentre em juros, média, nos conteúdos mesmo, voltados para habilidades e competências desses conteúdos se torna mais fácil do que só a Matemática com cálculos*.

Ainda sobre as dificuldades, a entrevistada Débora complementa: *mostrar ao aluno a necessidade de se ter a real compreensão da EF nas suas vidas e em todo seu percurso, desde o primeiro contato com o dinheiro com algo menos importante, até em outra fase com mais responsabilidades*.

Já a educadora Marina, relata: *muitas vezes eles não querem realizar, não fazem uma boa interpretação das situações problemas então acham muito complicado e acabam querendo resolver somente usando o celular, mas os cálculos básicos é necessário que*

saibam fazer sem o celular também. Nesse sentido, os desafios encontrados pela educadora estão dentro da sala de aula no desenvolvimento das atividades propostas.

Assim, percebemos diferentes perspectivas, mas se complementam quando analisadas juntas. Para a entrevistada Renata, o que mais dificulta o ensino é a parte destinada ao governo e administração, que é para ela ineficiente e negligente quanto à educação para jovens, adultos e idosos, dificultando cada vez mais o trabalho dos educadores e a permanência dos educandos.

Já para as educadoras Débora e Marina, é difícil trazer esses educandos para o real contexto da EF. Isso se valida para a entrevistada Renata no relato apresentado no eixo temático 3, logo podemos perceber algo comum para as três e que sem dúvidas influencia nas suas práticas em sala de aula. Nessa mesma direção, Machado (2000) revela que é recorrente reconhecer as dificuldades encontradas pelos educadores em suas práticas e das necessidades de formação inicial ou continuada dos educadores que atuam na EPJAI.

Dessa forma, os educadores da modalidade EPJAI necessitam de uma preparação para lidar com as demandas e peculiaridades desse ensino, mas que comumente não lhes é ofertada durante a formação inicial nem como formação continuada. Nesse sentido, cabe ao educador lidar com essas questões de forma singular.

Além disso, como vimos anteriormente, a sala de aula da EPJAI é repleta de diversidade. Assim, trazer situações presentes no cotidiano dos educandos é importante pois pode cativar sua participação na aula e dar abertura para que eles possam compartilhar suas experiências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa, de abordagem qualitativa, foi analisar como os educadores da EPJAI abordam Educação Financeira na aula de Matemática em uma escola localizada em Vitória da Conquista. Desse modo, o presente estudo proporcionou compreender a prática pedagógica e as adversidades encontradas pelos educadores que lecionam nesse contexto.

A EF no ambiente escolar, com base no referencial teórico desta pesquisa, é a temática desenvolvida para formar indivíduos autônomos e críticos financeiramente. Levando em consideração o perfil do público da EPJAI, adquirir conhecimentos que favoreçam sua vida financeira e os instrua na tomada de decisão, propõe significado ao conteúdo ensinado em sala e proximidade do seu cotidiano com o âmbito escolar.

Como meio de produção de dados, foram entrevistadas três educadoras matemáticas que lecionam na EPJAI em uma escola de Vitória da Conquista. Para a análise dos dados produzidos foram separados em quatro eixos temáticos com a finalidade de identificar as concepções dos educadores de matemática sobre a Educação Financeira, analisar a prática pedagógica desses educadores e assim responder a pergunta norteadora da pesquisa.

O primeiro eixo foi voltado para identificar o perfil profissional das educadoras, levando em consideração suas formações e tempo de atuação na EPJAI. Esse tópico é importante para conhecer a trajetória percorrida pelas participantes e a partir disso dar subsídio para as análises que virão.

No segundo eixo temático, analisamos a visão das entrevistadas sobre EF e MF, assim o intuito desse tópico foi compreender se essas educadoras diferenciam essas temáticas. A análise de dados apontou que nem todas as educadoras realmente têm domínio sobre a definição de EF e sua diferença de MF. Esse desentendimento ocorre pelas duas áreas trabalharem os conceitos financeiros, mesmo que com abordagens diferentes.

No próximo eixo, foram analisadas a prática pedagógica das educadoras a partir de seus relatos durante a entrevista e assim tentamos compreender o trabalho delas dentro da temática. Alguns relatos foram inconclusivos para pesquisa, pois não delimitaram as práticas desenvolvidas pelas entrevistadas como trabalhos envolvendo a EF. Somente a educadora que atualmente leciona a eletiva de Educação Financeira conseguiu descrever sua prática, pontuando atividades desenvolvidas com a finalidade de formar o indivíduo educado financeiramente.

Já no quarto e último eixo, o foco foi compreender com a fala das educadoras quais as dificuldades encontradas ao trabalhar a EF na sala de aula de educandos jovens, adultos e

idosos. Assim, foi perceptível que os desafios se iniciam desde a estrutura governamental da modalidade EPJAI quando uma das educadoras relata a falta de um olhar direcionado para esse ensino.

Além disso, o desafio comum relatado pelas entrevistadas é a dificuldade de mostrar a importância dessa temática na vida dos educandos. Para ensinar sobre essa temática é necessário ter uma compreensão sobre seus conceitos, princípios e finalidade. Caso não haja domínio dessas características por parte do educador, o estudo faz-se insignificante para esses educandos, tornando o conteúdo de difícil compreensão.

Assim, com base nas entrevistas realizadas, é possível perceber que mesmo que a EF faça parte dos conteúdos a ser trabalhado na disciplina de Matemática, nem sempre esse ensino é feito de forma efetiva e adequada. Como vimos, as educadoras que não possuem formação e não trabalham com o conhecimento específico dessa temática não dispõem de segurança para ensiná-lo.

A partir desses dados podemos compreender de forma geral que a EF vem tomando forma no contexto das escolas e na modalidade da EPJAI, mas para que o ensino da temática seja eficiente é necessário a formação dos educadores matemáticos que trabalham nesse contexto, mais especificamente, nessa modalidade de ensino.

Nesse sentido, esse estudo pode subsidiar pesquisas sobre EF desenvolvida na modalidade de ensino da EPJAI por apresentar dados e analisar, a partir dos relatos, a prática pedagógica de educadoras matemáticas que lecionam nessa modalidade. A partir disso, é possível identificar lacunas na abordagem atual da EF e desafios a serem superados e, assim, promover discussões nesse contexto e fundamentar novas pesquisas sobre como ocorre a abordagem da EF em outras escolas. Além disso, é possível ainda voltar o olhar para investigações a respeito da temática na formação inicial e continuada dos educadores.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BAHIA. Secretaria da Educação. Coordenação de Educação de Jovens e Adultos. Política de EJA da rede estadual: aprendizagem ao longo da vida. Salvador: Secretaria da Educação, 2009. Disponível em: https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/docs_curriculares/BA/Bahia_Politica_de_EJA_da_Re_de_Estadual.pdf Acesso em: 02 de nov. 2023

BARONI, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S. de. Uma Abordagem Crítica da Educação Financeira na Formação do Professor de Matemática. [S.l.]: Editora Appris, 2022.

BOGGISS, G. J.; MENDONÇA, L.G.; GASPAR, L.A.R; HERINGER, M.G. Matemática Financeira. 11 ed. Rio de Janeiro: FGV Management, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1.

DI PIERRO, Maria Clara. Contribuições do I Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio (Org.). Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica/Secad-MEC/Unesco, 2006.

ENEF. Estratégia Nacional de Educação Financeira– Plano Diretor da ENEF. 2017. Disponível em <http://www.vidaedinheiro.gov.br/legislação/Default.aspx>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FERREIRA, Maria Jose de Resende; SILVA, Sandra Aparecida Fraga da. Avaliação do ensino e da aprendizagem na EJA e no PROEJA: reflexões e propostas. In: Repensando o PROEJA – Concepções para a formação de educadores. Vitória: Ed. IFES, 2011.

FONSECA, M. C. F. R. Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Coleção Tendências em Educação Matemática.

FONSECA, Solange Gomes da. Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Pedagogia Online*. 2010.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Política e educação. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E. D. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. Educação de jovens e adultos: teoria prática e proposta. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MACHADO, M. M. A prática e a formação de professores na EJA: uma análise de dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAES, F.A. Educação financeira: curso de capacitação na formação docente inicial. 2019, Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino)- Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2019.

PAZ, M. D.; SANTOS, S. V. A superação e a força de vontade de quem volta a estudar. In: BENVENUTI et. al. (Orgs.). Refletindo sobre Proeja: produções de Porto Alegre. Pelotas, RS: Editora Universitária - UFPEL, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SAITO, A. T. Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil, Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, XI. 2013, Curitiba.

SILVA, J. N. D. Tecnologias Digitais na Educação Matemática com Jovens e Adultos: um olhar para o CIEJA/Campo Limpo. 2020. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2020.

VITAL, Márcio. Educação Financeira e Educação Matemática: Inflação de Preços. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática. Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Minas Gerais, 2014.

APÊNDICE 1: Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Quadro 1: Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Me conte um pouco sobre sua trajetória pedagógica. Onde cursou a licenciatura, quando se formou, há quanto tempo leciona e há quanto tempo leciona na EPJAI.
Qual a sua compreensão sobre Educação Financeira ?
Para você, o que é Matemática Financeira ?
Qual o papel da Educação Financeira na escola ?
Qual é a sua opinião sobre a inclusão da Educação Financeira na aula de Matemática da EPJAI ?
Você trabalha a Educação Financeira na EPJAI ?
Você acredita que a Educação Financeira pode impactar a vida de jovens, adultos e idosos ? Como ?
Como você avalia o progresso e a compreensão dos educandos em relação aos conceitos de educação financeira ao longo do processo educacional?
Quais são as principais habilidades financeiras que você considera essenciais para jovens, adultos e idosos desenvolverem? Você trabalha com essas habilidades em sala ?
Quais são os principais desafios que você enfrenta ao ensinar Educação Financeira para jovens, adultos e idosos ?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora